



## **FELTE BEZERRA E A RECEPÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL**

Fábio Silva Souza<sup>1</sup>

### **RESUMO**

A transição para o XX ficou marcado pelo pensamento e ações decorrentes do positivismo, como racismo, processos eugênicos etc. Na Europa eclodem guerras que irão devastar parte dessas civilizações. Era preciso pensar novos modelos de convivência sócio raciais. Nesse momento, Estados Unidos e Brasil passam a despertar o interesse internacional pela sua convivência inter-racial. A primeira nação já contava com duas escolas relevantes: Culturalismo e Escola de Chicago. Por sua vez, a Guerra Mundial e a crise internacional fez suscitar um Brasil mais industrial, essa demanda cobrou um planejamento interno, para isso era preciso esquadrinhá-lo, conhecendo seu povo e geografia. Mas ao contrário dos Estados Unidos, no Brasil faltava mão de obra qualificada. Para atender essa demanda e institucionalizar as Ciências Sociais no Brasil vêm grupos de franceses, que irão se instalar no Rio de Janeiro e outro grupo de várias nacionalidades que foram para São Paulo. O grupo sediado em São Paulo contava com Emilio Willems e foi liderado pelo americano Donald Pierson. Esse período contou ainda com o retorno de Gilberto Freyre, que havia sido orientado por Franz Boas. Felte Bezerra inclui-se nesse rol de intelectuais, sua obra referência “Etnias Sergipanas” foi prefaciada por E. Willems e também elogia por D. Pierson, R. Bastide, O. Nogueira entre outros.

**Palavras-chave:** Felte Bezerra. Ciências Sociais. Brasil.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia (PPGS/UFS). E-mail: fasiso72@gmail.com

## INTRODUÇÃO

As instabilidades que marcaram a primeira metade do século XX produziu uma aversão a Europa, como consequência Estados Unidos e Brasil passaram a atrair o olhar internacional, mas era preciso conhecer a realidade social dessas nações. Enquanto a primeira já havia avançado em seus estudos e constituindo referenciais como Difusionismo e a Escola de Chicago, no Brasil faltava mão de obra qualificada para pesquisa social, por isso admitiam-se os estudos e pesquisas de médicos e antropólogos preocupados em conhecer a realidade social brasileira e discutir os dilemas sobre a questão da identidade nacional (SOUZA, 2016).

Entre os horrores da guerra estava a escassez na oferta de produtos industrializados, desembocando assim em uma elevação considerável dos preços ou ausências mesmo do produto industrializado. Essa realidade fez suscitar internamente uma preocupação desenvolvimentista, mas para planejar o Brasil era preciso conhecê-lo, abandonando tanto as explicações literárias, a exemplo de “Jeca Tatu” e “Macunaíma”, como o modelo racial positivista e adentrar em pesquisas sociais com métodos rigorosos e modernos. Com essa incumbência vieram para o Brasil a “Missão Francesa”, instalada no Rio de Janeiro e outro grupo, que contava com pesquisadores de várias nacionalidades, denominado “Americanos”. Esse que ficou instalado na cidade de São Paulo, foi responsável pela criação e consolidação da USP, foi liderado pelo americano Donald Pierson, ex-aluno de Robert Park da Escola de Chicago e de Robert Park.

Neste contexto nos propomos a pensar o conjunto da obra do sergipano Felte Bezerra, nascido a 25 de dezembro de 1908 em Aracaju e que veio a óbito em 1990 na cidade do Rio de Janeiro. Bezerra viveu um período caracterizado pela recepção das ciências sociais no Brasil, particularmente com a vinda da “missão francesa” (RJ) e do grupo denominado “americanos” (SP). Formado em odontologia na Faculdade de Medicina da Bahia (1934), onde estudou com Nina Rodrigues e Arthur Ramos, Felte é reconhecido por nomes como: Emílio Willems (1950) que prefaciou seu livro mais significativo *Etnias Sergipanas* (1950). Nesse livro, tendo como amostra o Estado de Sergipe, seu autor se propõe refletir por meio do Culturalismo a contribuição do europeu, do africano e do indígena, para a formação de uma identidade nacional. O livro tem uma vasta contribuição para as ciências sociais

sendo invocado diversas vezes por Gilberto Freyre (2013) no livro *Nordeste*. Esse ilustre sergipano é ainda elogiado pelo americano Donald Pierson (1950) por sua honestidade intelectual e seu rigor metodológico e por Roger Bastide (1983) pela qualidade de pesquisa em um momento muita dificuldade institucional. O presente trabalho pretende compreender a contribuição e a especificidade da produção de Félte Bezerra à luz do processo de consolidação das ciências sociais no Brasil. E ainda tentando contextualizar os momentos de produção de sua obra e suas principais características.

## **1. OLHARES SOBRE OS ESTADOS UNIDOS E O BRASIL**

No primeiro quartel do século XX, a Europa estava marcada pelo horror da guerra e o temor de uma segunda guerra mundial. As instabilidades que marcaram esse período produziram uma aversão a Europa e como consequência Estados Unidos e Brasil passaram a atenção do capital internacional. Era preciso conhecer a realidade social dessas nações, mas é preciso salientar que enquanto a primeira já havia avançado em seus estudos e constituindo referências como Difusionismo e Escola de Chicago. No Brasil faltava mão de obra qualificada para pesquisa social, por conta dessa realidade, admitiram-se trabalhos e pesquisas de médicos e antropólogos, preocupados em conhecer a realidade social brasileira e discutir os dilemas sobre a questão da identidade nacional (SOUZA, 2016).

No Brasil, a discussão sobre o atraso brasileiro perpassava o viés racial, fruto da herança positivista que aqui chegara. Fruto desse modo de pensar, ainda no século XIX, notou-se que os brasileiros de modo geral eram muito doentes, esse dado era relevante pois parecia confirmar a tese racista de Gobineau acerca do caráter negativo derivado da miscigenação. No entanto, contrariando essa tese alguns sanitaristas brasileiros descobrem que essas doenças quase generalizadas se devem as condições precárias de saneamento e em especial a picada de mosquitos. Portanto eles refutam as ideias europeias acerca do mito racial (ODA; DALGALARRONDO, 2000).

Esse panorama, até aqui apresentado, nos fez refletir e indagar: Por que as Ciências Sociais é recepcionada no Brasil nesse momento? Quais demandas

pautavam a agenda internacional que atraíram a atenção de franceses, americanos, entre outros, para terras brasileiras? Por que a antropologia é recepcionada por Felte Bezerra naquele momento?

Para responder tais questões é preciso nos ater sobre a mudança de eixo do capital internacional provocado pelas incertezas das guerras ocorrida na Europa. De de um lado o capital internacional volta seus olhares para Estados Unidos e Brasil, por outro, o capital nacional brasileiro também estava interessado em conhecer as causas de seu atraso para assim superar-se. Como consequência, entre os anos 1930 a 1964 nasce, expande-se e enraíza-se no Brasil, de forma intensa e generalizada uma nova tese sobre sua história e seu desenvolvimento, intitulada de “industrialização substitutiva de importações” (IANNI, 2000).

Para consolidar tal planejamento era preciso conhecer as causas do atraso brasileiro e criar um clima otimista que perpassava a introjeção de novas ideologias. Instalou-se então um clima de receptividade das ciências sociais no Brasil, atraindo profissionais franceses, americanos e de outras nacionalidades. Afrouxou-se as fronteiras epistemológicas permitindo a entrada de médicos e odontólogos nesse debate e pouco limitado as fronteiras entre sociólogos, antropólogos e folcloristas (PEIXOTO, 2001). Neste cenário, nos propomos a pensar o conjunto da obra de Felte Bezerra enquanto intelectual inserido nesse debate que forneceu contribuições significativas para a consolidação das ciências sociais no Brasil.

## **2. FELTE BEZERRA NO CONTEXTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

Felte Bezerra nasceu a 25 de dezembro de 1908 em Aracaju e faleceu em 1990 na cidade do Rio de Janeiro. Ele viveu um período caracterizado pela recepção das ciências sociais no Brasil, especialmente com a vinda da “missão francesa” (RJ) e do grupo denominado “americanos” (SP). Ingressou para o curso de odontologia na Faculdade de Medicina da Bahia e se graduou em 1934. Nessa faculdade teve como professores Nina Rodrigues e Arthur Ramos, esse último, de acordo com Beatriz Dantas (1998) que parece ter-lhe despertado para sua grande vocação para a antropologia. Bezerra viveu um período de recepção das ciências sociais no Brasil,

marcado pela carência de mão de obra especializada e por isso admitindo médicos e odontólogos como pesquisadores sociais.

O curso de odontologia permitiu a Bezerra o acesso à antropologia. Ao longo de sua graduação ele conviveu com vários acadêmicos de medicina, uma das bases da primeira geração de antropólogos no Brasil. Dos seus contatos de graduação destacam-se os estudantes de medicina Garcia Moreno e Lourival Bonfim. Moreno irá acompanhá-lo em seus futuros trabalhos de campo, junto aos terreiros em Laranjeiras, e fazer também seu discurso de inserção na Academia Sergipana de Letras. Lourival Bonfim possibilitou Felte desenvolver leituras em inglês, fato esse bastante significativo na década de 60, quando na cidade do Rio de Janeiro, Bezerra decide pela leitura de textos antropológicos ainda não traduzidos para o português, passando a refletir muito mais acerca da teoria antropológica propriamente dita.

Além da medicina outra porta de acesso para a antropologia lhe foi dada pela Geografia. No primeiro quartel do século XX, a curiosidade relacionada a cultura, raça e personalidade, suscitou uma antropologia Culturalista que tinha fortes laços com a Geografia. Uma porta de acesso desse modelo de antropologia no Brasil se deu através do Gilberto Freyre, aluno direto de Franz Boas nos Estados Unidos. Bezerra foi professor de Geografia no Colégio Ateneu, área do conhecimento que despertava grande importância durante o Estado Novo (1937–45), e por isso contava com amplos recursos, grande número de eventos e publicações, além de uma extensa rede de organização nacional.

No Estado de Sergipe Felte Bezerra, Garcia Moreno e Colombo Felizola fundam o Centro Cultural de Sergipe em 1938. No ano de 1951, juntamente com outros intelectuais funda a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS), dirigindo-a por sete anos, em um esforço de apresentar aos sergipanos bons espetáculos de teatro, canto, dança e instrumentistas famosos. Com uma infraestrutura precária, Felte arcava com parte significativa dos custos, inclusive hospedando artistas em suas próprias casas (DANTAS, 1998).

Além de sua atuação cultural, Bezerra contava com diversos artigos publicados em revistas locais, como a Revista do Instituto Histórico e Geográfico e a Revista de Aracaju. No plano nacional Felte contava com publicações em diversas revistas de ampla circulação como por exemplo a na Revista de Sociologia, atrelada a Escola de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP). Derivou-se o daí seu

contato com a ELSP, aproximando Felte Bezerra e Emílio Willems, que orientou e fez sugestões durante a confecção de seu livro *Etnias Sergipanas*, [1950] (1984), tendo prefaciado o mesmo. Na década de 40 evidencia-se uma institucionalização do Folclore e Felte assume a direção da Comissão Sergipana e produziu pequenos estudos, tendo incluído o verbete sobre o Lambe-Sujo no Dicionário do Folclore Brasileiro, de Câmara Cascudo.

Esse ilustre sergipano, iniciou sua trajetória de pesquisas nas ciências sociais, em um tempo em que o Brasil estava implementando instituições que promovessem e regulamentassem a prática das pesquisas nestas ciências. A professora Beatriz Dantas ressalta a importância desse pensador por meio das seguintes palavras: “Felte tem para mim a força e a estatura de um herói fundador, uma vez que foi um dos iniciadores do ensino da antropologia em Sergipe” (1998, p.31).

Transita acerca de Felte Bezerra uma série de trabalhos e pesquisas com focos distintos, nos quais valorizam sua vida e obra e outros que enfatizam a relevância de seu papel enquanto educador. No primeiro grupo Felte é destacado enquanto antropólogo e lembrado pelas através de pesquisas realizadas por Beatriz Dantas (1998, 2009) e de Verônica Nunes junto a professora Beatriz Dantas (2009). Por sua vez, professor Ibarê Dantas lembra a atuação de Felte junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), além do trabalho como fundador do Centro Cultural de Sergipe, vice-presidente da Associação Comercial de Sergipe e diretor da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe (SCAS) (CARDOSO, 2014). O historiador Fernando Sá (2009) aponta correlações entre esse e a tradição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e se reporta a Felte como um dos melhores pesquisadores sergipanos dos dias presentes, misto de geógrafo e historiador. Há, entretanto, outro olhar sobre Felte Bezerra onde é destacado o educador através dos textos de Garcia Moreno (1952) diante da sua posse na Associação Sergipana de Letras (ASL), por Jackson da Silva Lima (1984), Gustavo Aragão Cardoso (2005) e pela professora Thetis Nunes (1992), logo após o seu falecimento, conclamando-o como seu grande professor (MAYNARD; SOUZA, 2016).

Felte Bezerra viveu um clima de muita euforia e poucas fronteiras epistemológicas. Nesse contexto, datado da década de 30, no qual se molda a

recepção das Ciências Sociais no Brasil, os grandes debates perpassavam às faculdades de Direito (São Paulo e Recife) e de Medicina (Rio de Janeiro e Bahia).

## 2.1 ETNIAS SERGIPANAS: PROJEÇÕES DE UMA OBRA

Felte Bezerra parece ter sido pesquisado ainda de forma tímida, dentro de nichos específicos das ciências sociais, como antropólogo, membro do IHGSE, historiador ou educador. Em todos esses universos, há explicitamente um reconhecimento acerca do legado que deixou para as ciências sociais. Nosso objetivo, em um primeiro momento, é pesquisar a contribuição desse autor para o debate que orientava e delimitava os horizontes institucionais das ciências sociais naquele tempo, a saber: o dilema do atraso brasileiro. Para isso, Bezerra se debruçou sobre a análise social por um viés culturalista, debatendo com autores de seu tempo. A sua mais reconhecida contribuição a esse período de institucionalização das ciências sociais, intitulada de *Etnias Sergipanas* (1950), foi prefaciado por Emílio Willems, da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) de São Paulo, onde destacou que Felte Bezerra era um

[...] estudioso de assuntos antropológicos, que não se contentou, como tantos autores, em satisfazer sua curiosidade como era leitura e compilação de pensamentos alheios. Procurou [...] achar alguma relação entre acontecimentos substanciais da Antropologia moderna que é similar a e a realidade de sua terra. (WILLEMS, 1950, 07).

A referida obra é citada como prova favorável de seus argumentos por Gilberto Freyre (2013), em vários momentos do seu livro *Nordeste*<sup>2</sup>. Percussores da intuição de Silvio Romero sobre as dimensões culturais e sociais da miscigenação,

---

<sup>2</sup> [...] O pesquisador Felte Bezerra, autor de *Etnias Sergipanas* (Aracaju, 1950), observa que “a designação de cigano, entre nós, tem mais sentido cultural do que é étnico, traduz vida nômade e sustentada por trocas e barganhas [...]” (FREYRE, 2013, p. 95).

Felte Bezerra no seu recente estudo *Etnias Sergipanas* (Aracaju, 1950) salienta o exemplo da sub-região sergipana: Por isso em Sergipe criam-se às suas margens as zonas açucareiras por excelência: do Japarutuba da Cotinguiba (bacia do rio Sergipe), do Vaza-Barris, do Piauí. (FREYRE, 2013, p. 60).

José Américo de Almeida, *A Paraíba e seus problemas*, Paraíba, 1924. Vejam-se também sobre o assunto: Agamemnon Magalhães, *O Nordeste brasileiro (O habitat e a gens)*, Recife, 1921, e Felte Bezerra, *Etnias sergipanas*, cit. Sobre as características de físico ou de corpo nos escravos da Paraíba, através de anúncios de jornal, prepara interessante ensaio o pesquisador paraibano Ademar Vidal, baseado em nosso “O escravo nos anúncios de jornal”, Rio de Janeiro, 1934, do qual esperamos dar breve nova edição, ampliada. (FREYRE, 2013, p. 162).

Gilberto Freire reconhece o trabalho de Felte Bezerra como fundamental para a compreensão destas questões.

Sobre este aspecto do assunto veja se nossos *Sobrados e Mucambos*, especialmente os capítulos “Ascensão do bacharel e do mulato” e “Em torno de uma sistemática da miscigenação no Brasil patriarcal e semipatriarcal”. Veja-se também o estudo do pesquisador sergipano Felte Bezerra, *Etnias Sergipanas*, Aracaju, 1950 (FREYRE, 2013, p. 136).

Além de Emílio Willems e Gilberto Freyre, Felte Bezerra tem seu pensamento destacado por Donald Pierson, americano que contribuiu para a institucionalização das ciências sociais na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) de São Paulo. Pierson foi aluno de Robert Park da Escola de Chicago e veio para São Paulo, onde liderou um grupo que contava com pesquisadores de várias nacionalidades. Donald Pierson descreve Bezerra como uma pessoa na qual,

As atitudes que mostras parecem refletir um espírito de comunhão verdadeiramente científico quanto ao “approach” à própria realidade, à fidedignidade da observação e à altamente importante honestidade intelectual... Fiquei igualmente impressionado com seus conhecimentos sobre a atual ciência e os instrumentos de pesquisa que usamos (PIERSON, Apud, BEZERRA, 1983).

Roger Bastide analisa o livro *Etnias Sergipanas* e reconhece as dificuldades de fazer pesquisas em determinados meios sociais e elogia o trabalho de Felte Bezerra com o seguinte texto:

Votre excellent livre "Etnias Sergipanas".. condense une masse d'observations, de richesses, de tentatives généalogiques Quand on a l' experience des difficultés qui l'on rencontre à faire les enquêtes dans certaines zones de milieu sociaux, on ne peut qu'admirer ce que vous avez réussi à faire à Sergipe (BASTIDE, Apud, BEZERRA, 1983).

Na cidade do Rio de Janeiro, depois de ter se afastado da produção social, comprometendo o reconhecimento de sua produção no campo das ciências sociais, ao longo da década de 50, Felte Bezerra retoma a leitura de textos das ciências sociais. Evitando o atraso das traduções ele decide por lê-los em outros idiomas, conforme descrito por Dantas



faltam-lhe os canais de acesso e os títulos acadêmicos para retornar o ensino regular da disciplina, uma vez que os docentes são agora recrutados num mercado concorrencial marcado pela formação especializada das pós-graduações que se firmam na década de 70, não lhe falta disposição para escrever. A quantidade de livros que consegue editar entre 1972 e 1988 dá a dimensão desse “antropólogo vocacionado”, que vivendo as três últimas décadas de sua vida num contexto em que a antropologia se faz primordialmente no interior das instituições, continua a produzir e publicar, acionando velhas redes de amizades e reconhecimento de seu trabalho. Assim surgem: *Antropologia Sociocultural* (1972), *Problemas de antropologia* (1976), *Problemas e perspectivas e antropologia* (1980), *Aspectos antropológicos do Simbolismo* (1983), *Análises antropológicas* (1986) e *África Subsariana* (1988), obras da maturidade que levam Thales de Azevedo, mestre de gerações e decano da Antropologia Brasileira a fazer-lhe um comentário consagrado: você tem o essencial, que falta a muitos, para escrever sobre questões gerais das Ciências Sociais: o domínio da problemática teórica... você conhece e toma posição conscienciosa das doutrinas que tem perpassado a Antropologia, procurando fixar-lhe o fundamento epistemológico e a tese explicativa (DANTAS, 1998, p. 41).

Todos esses nomes de relevância nacional, tecendo elogios quanto a honestidade intelectual ou surpreendendo-se pelo rigor metodológico desempenhado por Felte Bezerra, no que tange a nova ciência parece corroborar nossa tese de que: a preocupação desse pensador sergipano era, admitindo a realidade local como amostra, discutir problemas nacionais. Seu escopo era discutir o dilema sob o qual fez surgir às ciências sociais no Brasil.

Ao pesquisar *Etnias Sergipanas*, Felte Bezerra inovou utilizando um pensamento recém trazido por Freyre para o Brasil, o Difusionismo. Pela disposição dos capítulos, como eles são apresentados, nota-se que Bezerra assim como Gilberto Freyre, tenta operar essa interpretação por um viés culturalista, se propondo a observar cada elemento o negro, índio e português e sua respectiva contribuição para a formação do povo sergipano, enquanto amostra do povo brasileiro. A necessidade de pesquisas que possibilitassem conhecer o povo brasileiro, saber de seus dilemas e assim suscitar uma identidade nacional era urgente, mas conforme relata Willems, no prefácio de *Etnias Sergipanas*, naquele momento havia muitas dificuldades e limitações. Neste escrito, datado de 1949, Willems ressalta a

necessidade de estudar pelo menos os fatos elementares relativos à vida do povo brasileiro: sua distribuição no espaço, sua composição racial, sua organização, os gêneros de vida de suas inúmeras populações locais e regionais, seus costumes religiosos e mágicos, e as múltiplas maneiras de compensar os encargos sociais por festas, atividades lúdicas e estáticas (WILLEMS, 1949, p.07).

O discurso de identidade nacional representava um universo vasto e a ser pesquisado e descoberto. A preocupação de Willems é de romper com o passado e construir o presente, isso parece claro em dois momentos de seu texto:

Em vez de seguir o filão histórico em sentido inverso, partindo de fatos presentes cuja investigação científica se afigura como inadiável, esses saudosistas do passado recusam-se obstinados, a transpor o limiar que conduz às realidades presentes (WILLEMS, 1950, 07).

Willems parece fazer uma advertência para o leitor. Apesar de Felte Bezerra recorrer aos elementos históricos sua preocupação é compreender o presente, assim descrito em suas palavras: “notará o leitor que é, no fundo, sempre a situação presente que prende a curiosidade do pesquisador, característico esse que não lhe prejudica, no entanto a penetração histórica” (WILLEMS, 1950, p.07).

A nossa intuição, a ser verificada, indica que a preocupação de Felte Bezerra, assim como a de Gilberto Freire, era desenvolver a sugestão, do também sergipano, Silvio Romero de que a miscigenação era um elemento decisivo para o entendimento da sociedade brasileira. A sua preocupação, em uma das suas principais contribuições às ciências sociais, seu trabalho *Etnias Sergipanas*, era o nacional e não o local. Sergipe serviria como amostra para aquilo que se pretende conhecer em um universo maior, o Brasil. O Autor começa por capítulos como “as culturas afro-índias e a civilização lusa na formação do **povo brasileiro**” (*grifo nosso*); “Análise das minúcias na dinâmica do quadro **brasileiro**” (*grifo nosso*); “o caldeamento **brasileiro. Receio infundado da mestiçagem**” (*grifo nosso*). Os capítulos estarão assim dispostos, não adentrando aqui nas subdivisões: “o elemento europeu em Sergipe”; “o elemento africano em Sergipe”; “o elemento indígena Sergipe”; “etnias sergipanas”, “contato e relações de raças”. Estão presentes na introdução “o caldeamento brasileiro. Receio infundado da mestiçagem”, traz algumas subdivisões como: “ascensão social do híbrido”, portanto

se ser híbrido, miscigenado é bom os “conflitos étnicos, matéria vencida”, superada, afinal “preconceito racial ausente aqui e presente nos Estados Unidos” (BEZERRA, 1950).

Felte Bezerra inicia a década de 50 de maneira muito promissora, mas ao final dessa década ele decide se transferir para o Rio de Janeiro, nessa cidade não consegue estabelecer vínculos intelectuais. O ano de 1950 fica marcado pelo lançamento de *Etnias Sergipanas* e de toda receptividade positiva associada a essa obra. No ano seguinte, com o falecimento do Professor Magalhães Carneiro, Bezerra é eleito com votação expressiva para a Cadeira Sílvia Romero, a de número 02 da Academia Sergipana de Letras, vindo a tomar posse em 1º de dezembro do ano de 1951.

Apesar de seu reconhecimento e estabilidade em sua terra natal Felte, levado por promessas de êxito comercial, atende ao convite de um empresário sergipano e no dia 06 de fevereiro de 1960, transfere para seu domicílio para o Estado do Rio de Janeiro. Ele deixa tudo que havia conquistado, amigos, magistério, a gerência do Banco Rezende Leite S/A, familiares, entre outros. No Rio de Janeiro, já com 50 anos e sendo pai de três filhos Felte vive um período de reclusão intelectual tendo que trabalhar na Rede Ferroviária.

No final década de 60, portanto quase 10 anos de inatividade intelectual ele depois decide retomar as leituras antropológicas. Bezerra adquiriu novos livros, constitui uma nova biblioteca e decide lê publicações em outros idiomas, tentando superar o descompasso entre a publicação original e sua tradução. Na década de 70 Felte Bezerra lança livros relevantes no campo da reflexão teórico-metodológico da antropologia. Obras como *Antropologia Sociocultural* (1972); *Problemas de Antropologia do Estruturalismo de Levi Strauss* (1976); *Problemas e Perspectivas em Antropologia* (1980); *Aspectos Antropológicos do Simbolismo* (1983); *Análises Antropológicas: estudo teórico* (1986); *África Subsaariana* (1988) e ainda uma autobiografia datada de 1988 (DANTAS, 1998).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Felte Bezerra é significativo para entender o cenário de recepção das ciências sociais no Brasil. Formado na área da saúde ele enveredou para a geografia. Por meio de suas incursões logo transferiu-se para a antropologia e as ciências sociais. Em Sergipe gozou de certa estabilidade e prestígio, mas na década de 50 migrou para o Rio de Janeiro. Com as ciências sociais tendo formado já algumas gerações de sociólogos e antropólogos e consolidando um cenário, diante da idade e das dificuldades exigidas no mercado, Felte não obteve tanto êxito. Viveu em período de exclusão e nele produziu suas obras mais consistentes, e por isso sendo reconhecimento de sua contribuição às ciências sociais brasileiras. Ao final da vida, ao escrever sua autobiografia (1988), confessa a dor e o arrependimento da decisão de ter se transferido para o Rio de Janeiro. Falece em 1990, encerrando a sua trajetória e deixando a eternizado seus ensinamentos.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, Felte (1950). **Etnias sergipanas**. Aracaju: Regina. (reedição 1984), (Governo do Estado de Sergipe).

\_\_\_\_\_. (1983) . **Aspectos antropológicos do simbolismo**. Rio de Janeiro: Medeiros, 1983.

BÔAS, Glaucia Villas (2006). **Mudança provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. FGV

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (orgs.) (2009). **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. Companhia das Letras, São Paulo.

CAMPOS, Maria José. (s. d.). **Arthur Ramos: luz e sombra na antropologia brasileira: uma versão da democracia racial no Brasil nas décadas de 1930 e 1940**. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional.

CARDOSO, Gustavo Aragão (2014). Um Esboço Biográfico do Intelectual Felte Bezerra. In: **IV Congresso Sergipano de História e IV Encontro Estadual da ANPUH/SE: O cinquentenário do golpe de 64**. Aracaju, 21 a 24 de outubro de 2014. Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

DANTAS, Beatriz Góis (1998). Felte Bezerra: Um homem fascinado pela Antropologia. In: **Tomo: Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em**

Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. Ano 1, n. 1, junho de 1998, p. 31-45.

DANTAS, Beatriz; NUNES, Verônica. (orgs.) (2009). **Destinatário: Felte Bezerra: Cartas a um antropólogo sergipano (1947-50 e 1973-85)**. São Cristóvão: Editora da UFS.

FREYRE, Gilberto (1981). Prefácio. In: **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: José olympio, 1981

\_\_\_\_\_ (2013). **Nordeste: Aspectos da Influência da Cana sobre a Vida e a paisagem**. Rio de Janeiro: Graal.

IANNI, Octavio (2000). Tendências do pensamento brasileiro. In: **Tempo Social**. Revista de Sociologia. USP, S. Paulo, 12 (2): p. 55-74, novembro de 2000.

MAYNARD, Dilton; SOUZA, Josefa Eliana (2016). **História, sociedade, pensamento educaconal: experiências e perspectivas**. Pernambuco, EdUFPE.

MICELI, Sérgio (2001). Por uma sociologia das Ciências Sociais. In: MICELI, Sérgio (Org). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Ed. Sumaré, p. 11–28. Volume 1

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo (2000). Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. In: **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Revista Brasileira de Psiquiatria. vol. 22 n. 4 São Paulo Dec. 2000. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462000000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000400007) > acessado em: 12 / 07 / 2017.

OLIVEIRA, Lucia Lippi (1995). **A sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ.

PEIXOTO, Fernanda Arêas (s. d.). Franceses e norte-americanos nas Ciências Sociais brasileiras. In: MICELI, Sérgio (Org). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Ed. Sumaré, 2001, p. 477 – 532. Volume 1

PIERSON, Donald (1950). In: BEZERRA, Felte. **Etnias sergipanas**. Aracaju: Regina. (reedição 1984), (Governo do Estado de Sergipe).

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Felte Bezerra e a historiografia sergipana**. Texto revisto de palestra apresentado na Mesa-Redonda “Felte Bezerra: História e Antropologia” dentro da IX Semana de História da Universidade Federal de Sergipe (23-26 de novembro de 2009). Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/123456789/1344/1/FelteBezerra.pdf> > e acessado 16/08/2017

SILVA, Anna Karla de Melo e. **Felte Bezerra: um quartel de atividades lítero-científicas**. Dissertação de Mestrado em Educação. (NPGED – UFS). Disponível em:

< [https://bdtd.ufs.br/bitstream/tede/1636/1/ANNA\\_KARLA\\_MELO\\_SILVA.pdf](https://bdtd.ufs.br/bitstream/tede/1636/1/ANNA_KARLA_MELO_SILVA.pdf) >  
acessado em 07 / 08 / 2017.

SOUZA, Vanderlei. (2016). Ciência e miscigenação racial no início do século XX: debates e controvérsias de Edgard Roquette-Pinto com a antropologia física norte-americana. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, n.3, jul.-set. 2016, p.597-614.

WILLEMS, Emilio. Prefacio. In: BEZERRA, Felte (1950). **Etnias sergipanas**. Aracaju: Regina, 1950. (reedição 1984), (Governo do Estado de Sergipe).